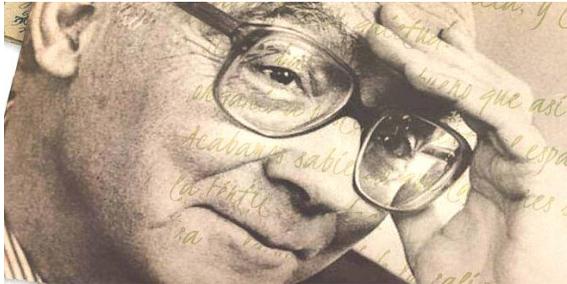


**Estamos a celebrar o centenário do nascimento do escritor JOSÉ SARAMAGO, ateu convicto. Efetivamente, a vida e a obra de Saramago foram uma permanente luta titânica com-contra Deus.**



**«Deus o grande silêncio do universo,  
e o ser humano o grito  
que dá sentido a esse silêncio».**

«São muitas as definições de Deus com que me deparei ao longo da vida. Mas, sem dúvida, uma das mais belas definições de Deus é a de Saramago: ‘DEUS É O GRANDE SILÊNCIO DO UNIVERSO, E O SER HUMANO O GRITO QUE DÁ SENTIDO A ESSE SILÊNCIO’»

«Sempre se declarou ateu e, a partir do seu ateísmo, foi um crítico impenitente das religiões, dos seus abusos, dos seus erros, sobretudo das guerras e cruzadas convocadas, legitimadas e santificadas por elas em nome de Deus»

«Durante os seus últimos cinco anos de vida, tive o privilégio de desfrutar da sua amizade e de partilhar experiências de fé e de descrença, de solidariedade e de trabalho intelectual em total sintonia. Cabe aqui destacar o sentido solidário da vida que o caracterizou. É por isso que me atrevo a atribuir-lhe o nome de *Bom Samaritano*, parábola livre de toda e qualquer conotação religiosa

**E**stamos a celebrar o centenário do nascimento do escritor português JOSÉ SARAMAGO, que obteve o prémio Nobel da Literatura em 1998, pela sua capacidade de “tornar compreensível uma realidade fugidia, com parábolas apoiadas na imaginação, a compaixão e a ironia”. E fazemo-lo, recorrendo a diferentes atividades, como reconhecimento a uma das figuras mais assinaláveis da literatura do século XX, no horizonte ético da libertação dos povos oprimidos, com os quais sempre se mostrou solidário, e a quem defendeu dos imperialismos e supremacias. **No passado dia 18 de Junho, celebrámos outra efeméride significativa: os doze anos do seu falecimento**, que nos deixou um grande vazio e uma orfandade difícil de superar no mundo literário não só hispano-português, como também a nível mundial e no âmbito da exemplaridade moral.

No passado dia 30 de Maio celebrámos um “**Encontro literário em memória do Prémio Nobel: JOSÉ SARAMAGO. ÉTICA e LITERATURA**”, organizado pela Fundação *Siglo Futuro*, com sede em Guadalajara, no qual tiveram ocasião de intervir: **Juan Garrido**, presidente da Fundação *Siglo Futuro*, **Pilar del Río**, jornalista, esposa do Prémio Nobel e presidente da Fundação José Saramago, **Nativel Preciado**, jornalista e escritora, **Federico Mayor Zaragoza**, presidente da Fundação Cultura de Paz, e **eu próprio**.

Durante os últimos cinco anos de vida de Saramago **tive o privilégio de desfrutar da sua amizade** e de partilhar experiências de fé e descrença, de solidariedade e trabalho intelectual, em total sintonia. **Dois foram os momentos especiais desta oportunidade**, e um terceiro que não pôde concretizar-se.

## “DEUS É O GRANDE SILÊNCIO DO UNIVERSO”

O primeiro teve lugar **em Sevilha, em Janeiro de 2006**. Caminhávamos pelas ruas da cidade, José Saramago, a sua esposa, a jornalista e tradutora das suas obras para castelhano Pilar del Río, a pintora Sofia Gandarias e eu próprio em direção ao Paraninfo da Universidade Hispalense, a fim de participar no Simpósio sobre *Diálogo de Civilizações e Modernidade*. Às nove da manhã, **ao passar pela praça da Giralda, começaram a tocar loucamente os sinos da catedral de Sevilha** – antes mesquita, mandada construir pelo califa almóada Abu Yacub Yusuf -.

- “Os sinos tocam porque vai a passar um teólogo”, disse Saramago com o seu habitual sentido de humor.

- “Não – respondi eu no mesmo tom –, os sinos tocam porque um ateu está prestes a converter-se ao cristianismo”.

Neste diálogo fugaz, a resposta de Saramago não se fez esperar:

- “Isso nunca. Fui ateu toda a minha vida, e continuarei a sê-lo no futuro”.

De imediato me veio à mente uma poética definição de Deus, que lhe propus sem vacilar:

- **“DEUS É O GRANDE SILÊNCIO DO UNIVERSO, E O SER HUMANO O GRITO QUE DÁ SENTIDO A ESSE SILÊNCIO”.**

- “Essa definição é minha”, reagiu ele prontamente.

- “Efetivamente, foi por isso que a citei – respondi eu -. E essa definição está mais perto de um místico do que de um ateu”.

A minha observação impressionou-o. Nunca ninguém lhe tinha dito nada de semelhante, e aquilo deu-lhe que pensar sem, contudo, se deixar iludir pela

minha intervenção. De facto, **a vida e a obra de Saramago foram uma permanente luta titânica contra Deus**. Como o fora já a do Job bíblico – a quem Bloch chama “o Prometeu hebreu”, que amaldiçoa o dia em que nasceu, que sente asco da sua vida e que ousa perguntar a Deus, em tom desafiador, por que razão o ataca tão violentamente, porque o oprime de maneira tão desumana, e por que o destrói sem piedade (Job 10). Ou como o patriarca Jacob que passou uma noite a lutar, encarniadamente, com Deus, e que terminou com o nervo ciático ferido (Génesis 32, 23-33). Não é o caso de Saramago que saiu indemne das lutas com Deus e que nunca se deu por vencido.



Foram muitas as definições de Deus com que deparei, ao longo dos meus cinquenta anos dedicados à teologia, precedidos da formação catequética católica da escola e da paróquia da minha terra. Foi lá que aprendi a primeira definição de Deus no catecismo do padre Gaspar Astete, a repeti de cor muitas vezes, de modo a ser capaz de o fazer hoje em dia:

“Deus é a coisa mais excelente e admirável que se pode dizer e pensar, infinitamente Bom, Poderoso, Sábio, Justo, Princípio e Fim de todas as coisas (recompensador de bons e castigador de maus)”.

Durante os meus estudos de teologia,

tive de apresentar a demonstração da existência de Deus conhecida como o “argumento ontológico”, de Anselmo de Canterbury, acerca da qual Albert Camus dizia, com razão, não conhecer ninguém que tivesse sacrificado a vida em sua defesa.

**Mas não há dúvida de que uma das mais belas definições de Deus é a de Saramago** que acabo de citar. Li-a nos seus Cadernos de Lanzarote, de 1993, e dei-a a conhecer sempre que tive ocasião de falar do Nobel português. Isso mesmo recorda o próprio Saramago no Caderno. Textos escritos para o blogue setembro de 2008-março de 2009, desta forma:

*“Há muitos anos, nada menos que em 1993, escrevi nos Cadernos de Lanzarote umas palavras que fizeram as delícias de alguns teólogos desta parte da Ibéria, especialmente de Juan José Tamayo que, desde então, generosamente me ofereceu a sua amizade. Foram as seguintes: ‘Deus é o grande silêncio do universo, e o ser humano o grito que dá sentido a esse silêncio’. Reconheça-se que a ideia não está mal formulada, com o seu quantum satis de poesia e a sua intenção levemente provocadora, no suposto de que os ateus são bem capazes de se aventurar pelos escabrosos caminhos da teologia, se bem que da mais elementar”* (Companhia das Letras, São Paulo, 2009. p. 144).

Esta definição merecia aparecer entre as vinte e quatro definições – vinte e cinco, a contar com ela – de outros tantos sábios reunidos num Simpósio acolhidos no Livro dos vinte e quatro filósofos (Siruela, Madrid, 2000), cujo conteúdo foi objeto de um amplo debate entre filósofos e teólogos, durante a Idade Média. Para um teólogo dogmático, definir Deus como silêncio do universo

talvez seja dizer pouco.

**Para um teólogo heterodoxo como eu**, seguidor das místicas e dos místicos judeus, cristãos e muçulmanos como o Pseudo Dionísio, Rábia de Bagdade, Abraão Abufalia, Algazel, Ibn al Arabi, Rumi, Hadewich de Amberes, Margarita Porete, Hildegarda de Bingen, Mestre Eckart, Juliana de Norwich, João da Cruz, Teresa de Jesus, Baal Shem Tov, cristãos leigos como Dag Hammarskjöld, indus como Tukaram e Mohandas K. Gandhi, e a mística leiga Simone Weil, **é mais do que suficiente**. Dizer mais seria uma falta de respeito para com Deus, acredite-se ou não na sua existência. “Se compreendes – dizia Agostinho de Hipona – não é Deus”.

## SARAMAGO NA APRESENTAÇÃO DO NOVO DICIONÁRIO DE TEOLOGIA

O segundo encontro teve lugar quando o convidei a apresentar o meu *Novo Dicionário de Teologia*, publicado pela Editorial Trotta, nos finais de 2005. Inicialmente a sua resposta ao meu convite foi negativa. Atribuí a sua negativa ao enorme volume do livro: novecentas e noventa e duas páginas a duas colunas, isto é, cerca de duas mil páginas. Mas não, não foi essa a razão da recusa do meu convite. O verdadeiro motivo foi o facto de, ao longo de tantas páginas, não aparecerem as palavras “ateu” e “ateísmo”.

Efetivamente não apareciam como entradas, mas sim no final, na entrada TEISMO/ATEISMO. Quando o alertei para tal, leu com muito interesse os conceitos que mais lhe interessavam e, claro, TEISMO/ATEISMO, e aceitou participar na apresentação do livro, juntamente com a filósofa Victoria

**Camps**, realizada no Ateneu de Madrid. Elogiou o Dicionário, dizendo que era um livro fundamental tanto para ateus como para crentes. As suas palavras confirmaram a orientação cultural e ética que, desde o início, eu quis imprimir à obra, bem longe do caráter confessional e apologético que caracterizam muitos dos dicionários de teologia.

## “ATEÍSMO E O “FACTOR DEUS”

**Houve um terceiro encontro programado que, tristemente, não se pôde realizar, devido ao falecimento de Saramago.** Tratava-se de um diálogo entre nós dois, aberto ao público, na biblioteca da sua residência em Tías (Lanzarote), à volta de um tema que a ambos apaixonava: “Ateísmo e o fator Deus”.

**Saramago sempre se declarou ateu e, a partir do seu ateísmo, foi um crítico impenitente das religiões, dos seus abusos, dos seus erros, sobretudo das guerras e cruzadas convocadas, legitimadas e santificadas por elas, em nome de Deus: “Uma delas – afirma-, a mais criminosa, a mais absurda, a que mais ofende a simples razão é a que, desde o princípio dos tempos e das civilizações, manda matar em nome de Deus... Já se disse que as religiões, todas elas, sem exceção... foram e continuam a ser causa de sofrimentos inenarráveis, de matanças, de monstruosas violências físicas e espirituais que constituem um dos mais tenebrosos capítulos da miserável história humana”.** Com a história na mão, quem se atreve a negar tamanha verdade? Porém, **a crítica de Saramago vai mais além, atingindo o próprio coração das religiões, o próprio Deus, em cujo nome, afirma ele, “se**

permitiu e justificou tudo, principalmente o pior, o mais horrendo e cruel”. E apresenta, como exemplo, a Inquisição, comparando-a os talibás de hoje em dia, qualificando-a de “organização terrorista” e **acusando-a de interpretar, perversamente, os seus próprios textos sagrados** em que confessava acreditar, **até celebrar um monstruoso matrimónio entre a Religião e o Estado**, “contra a liberdade de consciência e o direito a dizer não, o direito à heresia, o direito a escolher outra coisa, que é esse, e não outro, o significado da palavra heresia.

Esta denúncia de Deus faz parte das mais importantes e incisivas críticas da religião, a par das de Epicuro, Demócrito e Lucrecio, das dos profetas de Israel/Palestina, das de Jesus de Nazaré e do cristianismo primitivo, das dos mestres da suspeita Marx, Nietzsche e Freud, e das do ateísmo moral que nega Deus devido à sua responsabilidade pelo sofrimento das vítimas.

Mesmo pensando Saramago que os deuses são criações da mente humana, **preocupam-no os efeitos do “fator Deus”** – título de um dos seus mais célebres artigos -, presente na vida dos seres humanos, crentes ou não, como se fosse dono e senhor dela, exibindo-se nas notas de dólar, **intoxicando o pensamento e abrindo as portas às mais sórdidas intolerâncias.**

No seu romance **Caim, recria a imagem violenta e sanguinária do Deus da Bíblia judaica**, “um dos livros mais cheios de sangue da literatura mundial”, no dizer de Norbert Lohfink, um dos mais prestigiados biblistas do século XX. Imagem que se prolonga nalguns textos da Bíblia cristã, onde Cristo é apresentado como vítima propiciatória

para reconciliar a humanidade com Deus, e que, de novo, se repete nalguns teólogos medievais que nos apresentam Deus como dono de vidas e propriedades, e como um senhor feudal, que trata os seus adoradores como se fossem servos da gleba, e que exige o sacrifício do seu filho mais querido, Jesus Cristo, a fim de reparar a ofensa infinita que a humanidade cometeu contra Deus.



**O Deus assassino de Caim continua presente em muitos dos rituais bélicos dos nossos tempos:** nos atentados terroristas cometidos por falsos crentes muçulmanos que, em nome de Deus, praticam a guerra santa contra os infiéis; nos dirigentes políticos autodesignados cristãos, que suplicam a Deus que justifique o derramamento de sangue de inocentes em operações a que dão o nome de Justiça Infinita ou Liberdade Duradoura; na política sacrificial do Estado de Israel que, crendo-se o povo eleito de Deus e o único dono da terra que qualifica de “prometida”, leva a cabo operações de destruição em massa de territórios, erguendo muros carcerários e assassinando milhares de palestinianos.

## **SENTIDO SOLIDÁRIO DE SARAMAGO**

A par com a crítica da religião, de Deus e

do “fator Deus”, **há que destacar o sentido solidário da vida característico de Saramago.** Com base na filantropia e sem qualquer apoio religioso, foi o **defensor das causas perdidas**, algumas das quais foram ganhas graças ao seu apoio. Cito, apenas, três, de ente as mais emblemáticas. Uma, foi a solidariedade com o povo palestiniano, face ao massacre de que foi objeto entre Dezembro de 2008 e Janeiro de 2009, por parte do exército israelita, que causou mil e quatrocentos mortos, e que o Nobel português qualificou de genocídio. A segunda, o apoio e acompanhamento prestado à dirigente saharauí Aminatu Haidar, durante a sua greve da fome, no aeroporto de Lanzarote. A terceira, o ter destinado os direitos de autor do seu, então, último romance aos afetados pelo terramoto do Haiti.

Enquanto relia o seu romance **Caim**, vieram-me à memória as **palavras de Epicuro: “vã é a palavra do filósofo que não consegue aliviar o sofrimento humano”.** E também a afirmação do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, mártir do nazismo, que pagou com a vida a sua luta contra Hitler: *“Não estamos aqui, simplesmente, para tapar as feridas das vítimas debaixo das rodas da injustiça, estamos para travar a própria roda com a alavanca da justiça”.*

No caso de Saramago, as suas **palavras e os seus textos não foram em vão.** Surgem-nos carregados de solidariedade e de compromisso com as pessoas mais vulneráveis e os povos oprimidos, como o palestiniano, o saharauí e o haitiano. Por isso me atrevo a aplicar-lhe o nome de uma parábola evangélica,

talvez a mais bela e de maior conteúdo ético compassivo: o **“Bom Samaritano”**, livre de toda a conotação religiosa.

Esta parábola é, sem dúvida, uma das mais severas críticas contra a religião oficial, litigante e insensível ao sofrimento humano; uma das denúncias mais radicais contra a casta sacerdotal e clerical, adita ao culto e alheia ao grito das vítimas, e um dos mais belos hinos à ética da solidariedade, da compaixão, da proximidade, da alteridade, da fraternidade-sororidade. **Uma ética laica, enfim, não mediada por qualquer mediação religiosa.**



O sacerdote e o clérigo, funcionários de Deus, passam de largo, fazem um desvio para não terem de auxiliar a pessoa maltratada. O samaritano, alheio à religião oficial e considerado um herege para os judeus, surge aos olhos de Jesus e do próprio jurista, como exemplo a imitar, por ter revelado entranhas de misericórdia. **Pelo seu comportamento humanitário, o herege converte-se em sacramento do próximo**; pela sua atitude privada de misericórdia, o sacerdote e o levita tornam-se anti sacramento de Deus: é a religião ao contrário ou se se quiser, a verdadeira religião que consiste em defender os direitos das vítimas, caminhar pela senda da justiça e seguir a via da compaixão.

Foi assim que entenderam a religião os profetas de Israel, os fundadores e reformadores das religiões.

Partilhemos ou não a leitura que Saramago faz da Bíblia judaica, **penso que se deve estar de acordo com ele no facto de “a história dos homens ser a história dos seus desencontros com Deus, nem ele nos entende a nós nem nós o entendemos a ele”**. Excelente lição de contra teologia!

**Seja qual for a responsabilidade de Caim ou de Deus na morte de Abel, mantém-se a questão que hoje permanece tão viva como outrora, ou mais ainda, e que apela à responsabilidade da humanidade pela atual desordem mundial, pela guerras e fomes que assolam o nosso planeta: “Onde está o teu irmão? (Gênesis 4,9). E a resposta não pode ser um evasivo: “Não sei. Sou eu porventura o guardião do meu irmão?”**, mas, de acordo com a Bíblia cristã, a parábola evangélica do Bom Samaritano, que demonstra compaixão por uma pessoa maltratada que é, religiosamente, sua adversária. Excelente lição de ética solidária!



**JUAN JOSÉ TAMAYO**, Teólogo espanhol e professor de teologia na Universidade Charles III de Madrid e Presidente da Associação de Teólogos.

# O enigma dos samaritanos exemplares

"POR QUE O EVANGELHO SE COLOCA AO LADO DOS QUE NÃO COMPARECIAM NO TEMPLO NEM FAZIAM CASO DOS SACERDOTES? PODE-SE DIZER QUE O EVANGELHO É ANTICLERICAL?"

**S**EGUNDO OS EVANGELHOS, ESPECIALMENTE O DE LUCAS, JESUS NÃO DUVIDOU EM ELOGIAR OS SAMARITANOS (Lc 10, 30-35; 17, 11-19). Isso chama a atenção. Porque os samaritanos nunca iam ao Templo de Jerusalém, nem acreditavam nos Sacerdotes e no culto que os judeus celebravam. Na parábola do bom samaritano, os funcionários do Templo fazem vistas grossas diante do sofrimento e da injustiça, enquanto o samaritano é quem encosta o ombro e cuida do infeliz. E quando Jesus curou os dez leprosos, o único que voltou para agradecer a Jesus foi precisamente um samaritano, em contraste com os nove judeus, que foram ao Templo para cumprir com os seus deveres religiosos diante dos Sacerdotes.

Por que o Evangelho se coloca ao lado dos que não compareciam no Templo nem faziam caso dos Sacerdotes? É porque Jesus não se importava com a Religião? Pode-se dizer que o Evangelho é anticlerical?

Segundo o Evangelho os apresenta, os samaritanos são para nós um enigma. Porque o Evangelho propõe como exemplo precisamente os que não se submetem à Religião "oficial". Mas o enigma dos samaritanos deixa de ser um enigma quando nos damos conta de que a fiel observância da religião oficial tem um perigo: a observância religiosa tranquiliza a consciência e faz com que o observante pense que ele é, precisamente pela sua

observância, uma boa pessoa.

No entanto, o critério do Evangelho é muito diferente: para Jesus, o único "sagrado" que existe neste mundo é o ser humano. O "sagrado" e o "consagrado" não são a mesma coisa. Consagrado é um templo, um altar, um objecto litúrgico, um sacerdote. Mas para o Deus que nos é revelado em Jesus não interessa o "consagrado", mas sim, simplesmente, o "sagrado": a dignidade do ser humano, a sua vida, a sua felicidade.

Por isso, o enigma dos samaritanos deixa de sê-lo quando compreendemos que eles, como não acreditavam no "consagrado" (o Templo e os Sacerdotes), não tinham mais do que o "sagrado" para se verem como boas pessoas, que fazem o que é preciso fazer nesta vida: portar-se bem com os demais. Porque não há mais caminho do que esse para encontrar Deus.

As pessoas queixam-se muitas vezes das religiões, das suas cerimónias e dos seus funcionários. E não lhes falta razão. Porque as religiões têm o perigo de enganar, desviando a atenção do que Deus quer para outras coisas, que, com aparência de santidade consagrada, não deixam de ser um gasto de dinheiro e de tempo, em detrimento do mais urgente: tornar esta vida mais suportável. Existem pessoas que gostam da religião. E merecem respeito. Mas que tais pessoas tenham cuidado com as possíveis armadilhas que as suas condutas religiosas escondem.

# O QUE É O CRISTIANISMO?

**O**S CRISTÃOS DA PRIMEIRA E segunda geração nunca pensaram que com eles estava a nascer uma religião. Na verdade, não sabiam com que nome designar aquele movimento que estava a crescer de forma insuspeitada. Ainda viviam impactados pela memória de Jesus, que sentiam vivo entre eles.

Por isso, os grupos que se reuniam em cidades como Corinto ou Éfeso começaram a chamar-se «igrejas», ou seja, comunidades que se vão formando convocadas por uma mesma fé em Jesus. Noutros lugares, ao cristianismo chamavam-lhe «o caminho». Um escrito redigido por volta do ano 80 e que se chama carta aos Hebreus diz que é um «caminho novo e vivo» para se enfrentar a vida. O caminho «inaugurado» por Jesus e que há que percorrer «com os olhos fixos nele».

Não há dúvida alguma. Para estes primeiros crentes, o cristianismo não era propriamente uma religião, mas uma nova forma de viver. A primeira coisa para eles não era viver dentro de uma instituição religiosa, mas aprender juntos a viver como Jesus no meio desse

vasto império. Aqui estava a sua força. Isto era o que podiam oferecer a todos.

Neste clima, entende-se bem as palavras que o quarto Evangelho coloca nos lábios de Jesus: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida». Este é o ponto de partida do cristianismo. Cristão é um homem ou mulher que em Jesus vai descobrindo o caminho mais acertado para viver, a verdade mais segura para se orientar, o segredo mais esperançoso da vida.

Este caminho é muito concreto. De pouco serve sentir-se conservador ou declarar-se progressista. A escolha que temos de fazer é outra. Ou organizamos a vida à nossa maneira ou aprendemos a viver desde Jesus. Há que escolher.

Indiferença para com aqueles que sofrem ou compaixão sob todas as suas formas. Apenas bem-estar para mim e para os meus ou um mundo mais humano para todos. Intolerância e exclusão daqueles que são diferentes ou atitude aberta e acolhedora para com todos. Esquecimento de Deus ou comunicação confiada no Pai de todos. Fatalismo e resignação ou esperança final para toda a criação.

# Morreu fr. **ELISEU** Moroni e acaba “*Mensageiro de Santo António*”



Fr. ELISEU MORONI foi o grande dinamizador do Mensageiro de Santo António. Foto © DR

**Frei ANGELO ELISEU MORONI**, 75 anos, da Ordem dos Frades Menores (Conventuais), italiano que exerceu funções paroquiais em Coimbra, Viseu e Lisboa e foi o grande dinamizador e primeiro responsável da edição portuguesa da revista ***Mensageiro de Santo António***, morreu quinta-feira, 28, em Pádua (Norte de Itália), para onde tinha regressado em Julho de 2021. O seu funeral realiza-se nesta terça-feira, 2 de Maio, a partir 10h de Lisboa, na Basílica de Santo António, em Pádua.

Nascido em Bérgamo (Itália), em 20 de Novembro de 1947, Eliseu Moroni ingressou nos Franciscanos Conventuais e foi ordenado em Pádua em 16 de Abril de 1977, já como padre da ordem.

Vindo para Portugal no início dos anos 1980, foi ele que, na equipa dos Franciscanos Conventuais, assumiu a dinamização da edição portuguesa do *Mensageiro de Santo António*. Pretendiam os Conventuais, à semelhança da edição italiana, editar uma revista que fizesse a leitura cristã da realidade,

numa perspectiva conciliar e aberta à cultura e ao diálogo social. Preocupado com a renovação da Igreja, ELISEU MORONI queria fazer da revista uma plataforma de debate, encontro e reflexão, que contribuísse para a criação de um pensamento católico em Portugal.



De trato fácil, **frei ELISEU** trabalhou na Paróquia de São Maximiliano Kolbe do Vale de Chelas (Lisboa), de 1982 a 1987, tendo

ido depois para Coimbra e, mais tarde, ainda para Viseu. Em 2013 voltou para Lisboa, desta vez com trabalho em duas paróquias: além do Vale de Chelas, também a de Santa Beatriz da Silva. Ficou em ambas, de acordo com informações do Patriarcado de Lisboa, até Julho de 2021.

“O **frei Eliseu** deu toda a sua vida franciscana e sacerdotal para a missão em Portugal”, diz uma nota da Paróquia São Maximiliano Kolbe publicada na sua página no Facebook. **“Principalmente Coimbra e Lisboa (e a revista do Mensageiro de Santo António)**

**devem-lhe a paixão do pioneiro”**, acrescenta a nota.

## **Revista acaba em Dezembro**

Por coincidência, no mesmo dia em que morreu **ELISEU Moroni**, a Associação Cultural Mensageiro de Santo António anunciou o encerramento da publicação da edição portuguesa da revista.

O “aumento dos custos de exploração, nomeadamente de impressão e expedição” e a “diminuição do número de assinantes” levaram à ruptura financeira, levando a administração a decidir suspender a publicação. O último número da revista mensal sairá em Dezembro deste ano. A decisão “dolorosa”, diz uma nota enviada ao *ZMARGENS*, “não foi tomada de ânimo leve, mas depois de aprofundada reflexão” das diferentes estruturas responsáveis pela publicação, incluindo a província italiana dos Franciscanos Conventuais, da qual a revista depende.

Para substituir a edição do *Mensageiro de Santo António* em papel, que foi iniciada em 1985, a ordem está a preparar o lançamento de um novo site que dê “continuidade ao anúncio do Evangelho, da espiritualidade franciscana e da herança antoniana”.



**DOM MANUEL DA SILVA RODRIGUES LINDA,**  
**POR MERCÊ DE DEUS E DA SÉ APOSTÓLICA,**  
**BISPO DO PORTO**

Sendo necessário prover a assistência pastoral e espiritual na Comunidade da Serra do Pilar, paróquia de Santa Marinha, Vigararia de Vila Nova de Gaia-Norte,

HEI POR BEM, ao abrigo do cân. 157 e do cân. 682 §1, até decisão em contrário, confiá-la aos cuidados do Pe. Manuel Pereira Crespo, dos Filhos da Caridade, e do Pe. Serafim Ferreira de Ascensão, que nomeio Capelães da referida Comunidade.

Dada no Porto e Paço Episcopal, aos 6 de abril de 2023.

+ Manuel, Bispo do Porto

E eu, Pe. António Paulo Monteiro Reis,

Chanceler da Cúria Diocesana, a subscrevi.

